

NEM-NEM NEGRAS

Gravidez e tarefas de casa tiram jovens do estudo e do trabalho

RAPHAELA RAMOS
raphaela.ramos@oglobo.com.br

Aos 21 anos, Maria Eduarda de Moraes dedica os dias aos cuidados dos filhos — uma menina de seis anos e um menino de três — e às tarefas domésticas, como cozinhar e limpar. Ela saiu da escola quando ficou grávida, no nono ano do ensino fundamental. Tentou retomar os estudos, mas depois do segundo filho não foi possível. A rotina em casa é cansativa, conta a jovem, que sonha em ter sua própria renda, mas há anos não consegue nenhum serviço. Para voltar a estudar, precisaria ter alguém para tomar conta das crianças.

— Quero ter minha independência. Já trabalhei como ajudante de idoso, com faxina, o que aparecer eu trabalho. Acho que por causa da pandemia está ainda mais difícil — diz.

Maria Eduarda mora no bairro Pantanal, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, com as crianças e o marido, que faz biscate em obras. Sua condição não é um caso isolado. Como ela, 32% das mulheres pretas ou pardas entre 15 e 29 anos não estudavam nem estavam ocupadas no Brasil, segundo a Síntese de Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base

em dados de 2019. O instituto considera como ocupada a pessoa que trabalhou ao menos uma hora na semana em que foi feita a pesquisa.

De acordo com o IBGE, as chances de uma jovem negra (preta ou parda) estar nessa situação eram 2,4 vezes maiores do que as de um homem branco da mesma faixa etária (13,2%). O grupo também estava em desvantagem em relação aos homens negros (18,9%) e às mulheres brancas (20,8%). Especialistas afirmam que a gravidez na adolescência e os afazeres domésticos estão entre as principais causas para a alta taxa de “nem-nem” entre jovens negras.

— Estar sem trabalhar e estudar para as mulheres tem a ver com os afazeres domésticos e cuidados com os filhos. E quando perguntamos o motivo do abandono escolar inicialmente, a gravidez aparece como principal. As pretas e pardas abandonam mais — explica Betina Fresneda, pesquisadora do IBGE e especialista em Educação.

Betina explica que é gerado um “ciclo vicioso” entre o abandono escolar precoce e a dificuldade de ingresso no mercado. As mulheres têm menor participação nessa força de trabalho e as pretas ou pardas são as que têm incidência menor.

Historicamente, as mu-

lheres negras ocupam mais o trabalho doméstico, que não tem visibilidade no Brasil, explica Thaiana Rodrigues, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

— As mulheres negras geralmente são as primeiras a serem responsáveis pelo trabalho doméstico e os cuidados com um irmão mais novo, com sua família, mas muitas vezes são vistas como se não estivessem fazendo nada — afirma a socióloga e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Desigualdades Contemporâneas e Relações de Gênero.

Diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social), o economista Marcelo Neri pesquisa o impacto da pandemia nos jovens “nem-nem” com base em informações da Pnad Contínua do

IBGE. Os microdados do primeiro trimestre de 2021, em comparação com o último trimestre de 2019, antes da Covid-19, dão indícios de piora da situação para jovens negras.

CRISE SOBRE UMA CRISE

Na comparação entre os dois períodos, o percentual de todos os jovens de 15 a 29 anos sem ocupação e sem frequentar escola passou de 23,7% para 26,7%. Entre

mulheres, a taxa foi de 29,9% a 32,7%. Entre pardos, passou de 26,9% a 29,8%. Entre pretos, a alta foi de 25,8% para 28,4%.

— Teve uma crise sobre uma crise. Principalmente entre as crianças mais novas a evasão escolar explodiu na pandemia, e isso impacta as jovens que têm filhos — afirma Neri. — Os dados também mostram que os índices de “nem-nem” são piores quando os jovens são negros, cônjuges (a maioria mulheres), não têm nenhuma escolaridade e vivem em periferias.

A pandemia agravou a situação de Carla Monteiro, de 28 anos, moradora de Terra Firme, em Belém (PA). Mãe solteira, cuida da casa e dos filhos, um menino de cinco anos e uma menina de nove meses. Já trabalhou vendendo doces em ônibus e como trancista, mas com a Covid-19, “as portas se fecharam”.

— Tive que procurar cestas básicas. Teve um momento em que me vi muito apertada, não tinha nem lei-

te para minha filha, que não mama. Agora voltou o auxílio. Não é muito, mas já dá para ajudar. Vou me virando — conta, e explica que a família do pai do menino contribui “vez ou outra”.

Carla parou de estudar no primeiro ano do ensino médio, quando foi trabalhar na loja de uma tia. Depois tentou trabalhar como babá, mas descobriu que, além de cuidar da criança, queriam que ela fizesse todos os serviços domésticos — por R\$ 300. Carla saiu do trabalho e em seguida engravidou. Ela não gosta de lembrar da infância: conta que “não foi das melhores”.

Camila Santana, de 27 anos, também deixou de trabalhar devido à Covid-19 e ao nascimento dos filhos gêmeos, hoje com dois anos. Ela fazia objetos de arte e decoração, antes da última gravidez. Camila tem outra filha, de sete anos, e mora com as crianças e o marido, que é maqueiro, em cima da casa da sogra no bairro da Ribeira, em Salvador (BA).

— Sempre morei perto da minha família, mas nos mudamos para sair do aluguel e agora não tenho quem ajude a ficar com as crianças. Foi bem difícil, me senti muito sozinha, voltei a ter depressão e até hoje ainda tenho, às vezes. Agora, com a filha maior, é um pouco menos de trabalho, mas ainda é difícil — conta.

Camila diz que está “louca para trabalhar”, mas não sabe quando será possível, com os filhos pequenos e o receio de mandar a mais velha para as aulas presenciais por conta da Covid-19.

Pandemia piorou a desigualdade para as mulheres pretas e pardas

— Com o que meu marido recebe conseguimos pagar o básico, mas todo mês aperta. Estamos tentando tirar as fraldas para diminuir o gasto. Quando eu trabalhava era melhor. Também gosto, trabalhei desde os 14 anos, estou acostumada. Não quero depender de homem, isso não é para mim não — reclama.

DUPLAMENTE AFETADAS

Betina afirma que os percentuais de mulheres negras sem estudar e sem trabalho ilustram a ausência de políticas públicas para continuação nos estudos e inserção no mercado no Brasil desse grupo de pessoas. Para Thaiana, a situação ressalta a importância da maior valorização da educação para as jovens e da conscientização sobre as desigualdades de gênero e os impactos das responsabilidades que costumam recair mais sobre elas após a gravidez.

— Para mulheres são necessárias mais políticas de primeira infância, creches — aconselha Neri — No recorte de raça, a educação de negros ou negras é menor do que de brancos, então são necessárias políticas como as de cotas. As mulheres negras são afetadas pelos dois efeitos, é preciso enxergar as especificidades, principalmente em termos de políticas de educação e acesso ao mercado de trabalho — adverte o economista.



“Não tenho quem ajude a ficar com as crianças. Voltei a ter depressão e até hoje ainda tenho, às vezes”

Camila Santana, mãe de gêmeos e de uma menina em Salvador

“As mulheres negras geralmente são responsáveis pelos trabalhos domésticos e os cuidados com a família, mas muitas vezes são vistas como se não estivessem fazendo nada”

Thaiana Rodrigues, socióloga

Sem ajuda.

Moradora de Duque de Caxias, Maria Eduarda de Moraes abandonou a escola e quer voltar a trabalhar, mas precisa de alguém para cuidar dos dois filhos

MÁRCIA FOLETTI/AGÊNCIA O GLOBO

